



SOCIEDADE

Censo entrevistista quase 60 milhões em um mês

Nordeste é a região na qual levantamento mais avançou e Centro-Oeste tem maior atraso. Pesquisadores ainda esbarram na recusa e na má vontade das pessoas em responder às perguntas — participação é obrigatória — e fornecer dados

» RAFAELA GONÇALVES

» Paralisação por melhores condições

Após completar um mês desde o início da coleta dos dados, 58.291.842 pessoas já responderam ao questionário do Censo Demográfico 2022. Segundo o balanço divulgado, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já foram consultados 20.290.359 domicílios em todo o país. O Nordeste foi a região onde a coleta dos dados mais avançou, com 36,51%, seguido pelo Sudeste (35,51%), Sul (11,87%), Norte (9,44%) e Centro-Oeste (6,67%).

Considerando os setores censitários urbanos e rurais, 38,4% das áreas estão sendo trabalhadas. Além disso, 450.140 de indígenas (0,77%) e 386.750 quilombolas (0,66%) já responderam às perguntas. Segundo o IBGE, mesmo sendo um balanço parcial, esse é um número inédito, pois é a primeira vez que a investigação é realizada nessa parcela da população.

“A produtividade individual dos recenseadores está dentro do esperado. Os setores estão sendo trabalhados no tempo adequado e os sistemas de coleta, acompanhamento e transmissão estão funcionando bem, assim como os equipamentos”, explicou o gerente técnico do Censo, Luciano Duarte.

O sistema de acompanhamento da coleta permite gerar, ainda, pirâmides etárias parciais. Até o momento, 47,8% da população recenseada eram

Recenseadores de todo o Brasil estão se articulando em grupos de WhatsApp para uma paralisação, hoje, devido às condições de trabalho e ao cálculo de remuneração, que depende do número de respostas coletadas. Questionado, o IBGE não se posicionou a respeito do movimento. A instituição vem enfrentando dificuldades com a falta de pessoal para atuar na pesquisa em determinados locais. Em todo o país são 144.634 recenseadores em ação, apenas 78,8% do total de vagas disponíveis ocupadas. Mais de 6 mil trabalhadores já rescindiram o contrato em meio a relatos de hostilidade.

homens e 52,2%, mulheres.

“Conseguimos observar na pirâmide parcial o envelhecimento da população, com o topo mais avolumado, e picos nas idades de 40 e 20 anos, conforme o esperado. Os indicadores de qualidade vêm mostrando que a informação é consistente. Não há indícios de que haja sub ou sobre-enumeração de alguma idade”, destacou o gerente técnico do Censo.

Problemas

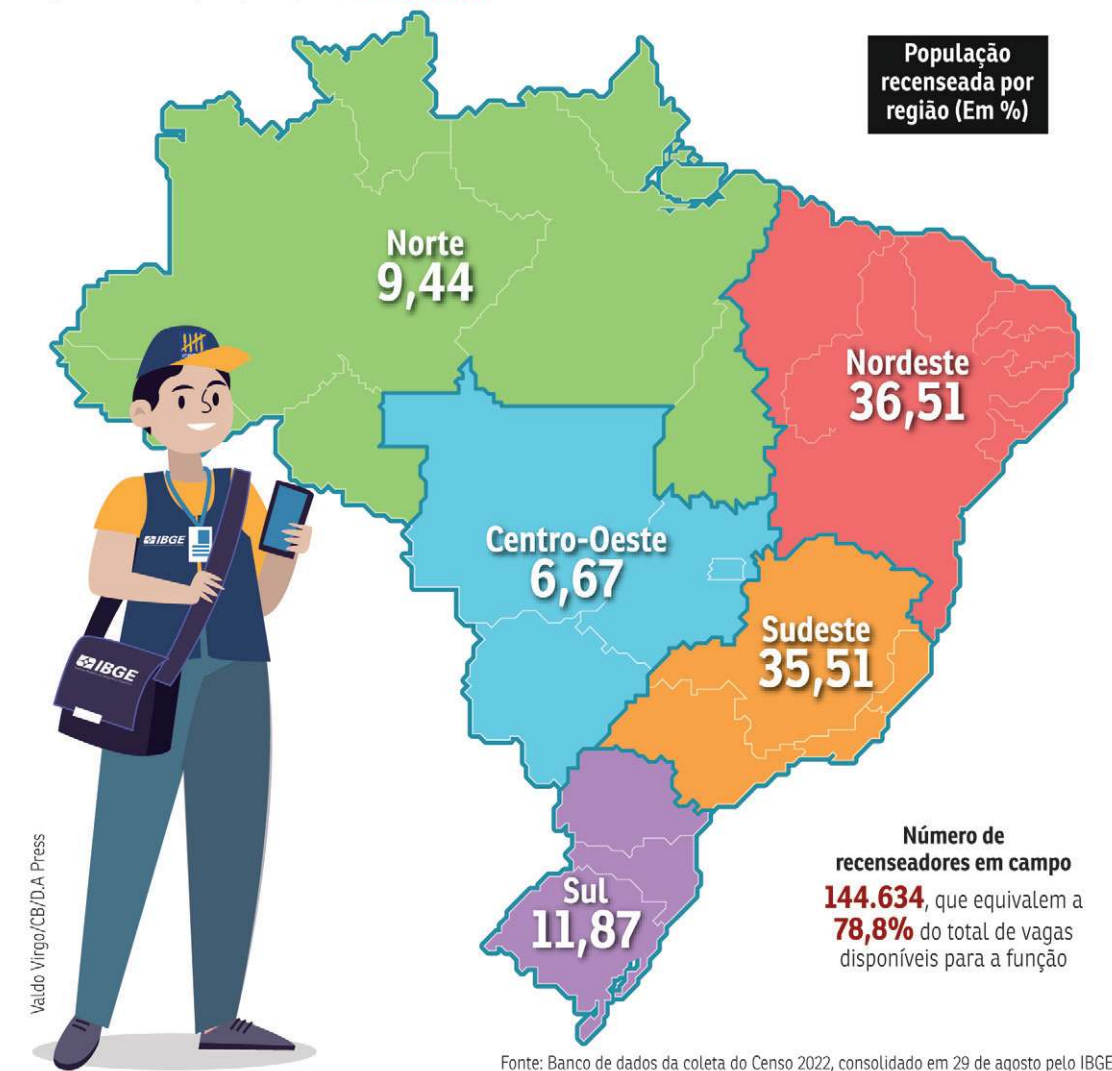
Um dos maiores desafios, desde o início da coleta dos dados, tem sido as recusas e ausências. Cerca de 2,3% dos domicílios se negaram a responder à pesquisa, que é obrigatória. O IBGE espera que esse percentual seja reduzido até o final do levantamento, depois de aplicados todos os protocolos que prevêem insistir em ouvir a pessoa. A maior parte dos questionários (99,7%) foi

respondida de forma presencial, sendo que 34.055 domicílios optaram por responder pela internet e 30.202 pelo telefone.

O IBGE reiterou que toda a população é obrigada a responder a pesquisa e, caso haja recusa, pode haver multa. A Lei nº 5.534, de 14 de novembro de 1968, determina que a não prestação de informações ou a entrega de informações falsas pode gerar uma multa de até 10 vezes o maior salário mínimo vigente no país, caso a infração seja primária. Se for reincidente, pode chegar ao dobro desse valor. Após pagar a multa, o infrator ainda será obrigado a fornecer os dados no prazo definido. A lei também garante que as informações coletadas pelo Censo 2022 têm o total sigilo e serão usadas exclusivamente para fins estatísticos, não podendo servir de prova em processo administrativo, fiscal ou judicial.

Radiografia de uma nação

Primeiro balanço do IBGE mostra que **58.291.842** pessoas já responderam à pesquisa, em **20.290.359** domicílios



Reinaldo Canato/CICV



Jovita procura a filha diariamente, que desapareceu no Rio em 2004

A dor permanente do parente sumido

» ISABEL DOURADO*

O Brasil registra, em média, 172 casos de desaparecimento por dia. Em 2021, 65.225 mil pessoas sumiram, segundo dados do 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o que representa um aumento de 3,2% em relação a 2020. A taxa é de 30,7 por 100 mil habitantes e, nos últimos cinco anos, houve 369.737 registros.

Em 30 de agosto, celebra-se o Dia Internacional das Pessoas Desaparecidas. Por conta disso, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) e o projeto Playing for change lançaram uma campanha, ontem, para reforçar a necessidade de acompanhar os parentes de pessoas

desaparecidas e de dar uma resposta àqueles que continuam em busca de um membro da família.

O sentimento de quem teve alguém desaparecido é o de viver um luto sem sepultura. “É devastador. Enquanto você não resolve, você fica no limbo e ninguém aguenta ficar assim. Dia e noite, parece que tem uma mão apertando meu coração”, conta Jovita Belfort.

Mãe de Priscila Belfort, desaparecida aos 28 anos em 9 de janeiro de 2004, Jovita conta a dor incalculável que vive há 18 anos, desde que a filha sumiu depois de sair do trabalho para almoçar, no centro do Rio de Janeiro.

Por enfrentar continuamente essa angústia, Jovita se

aproximou da causa dos desaparecidos. Ela desabafa que no ano em que Priscila desapareceu, ainda eram escassas as organizações brasileiras que apoiavam as famílias e davam visibilidade aos desaparecimentos no país.

“Quando uma pessoa morre, a gente geralmente sabe o que tem que fazer. Mas quando uma pessoa desaparece, é bem diferente. O desaparecimento muda toda sua maneira de pensar”, lamenta.

Larissa Leite, coordenadora do programa de Proteção de Vínculos Familiares do CICV, explica que é fundamental que as autoridades promovam ações e deem respostas adequadas às pessoas que buscam por alguém sumido. Ela também frisa a importância

das redes de apoio.

“As associações de parentes têm um grande papel. As famílias falam com outras que estão vivendo a mesma situação, e conseguem se apoiar mutuamente. O desaparecimento gera uma incerteza sobre onde a pessoa pode estar. O tempo não ameniza a dor, pelo contrário”, explica Larissa.

Após 18 anos do desaparecimento da filha, Jovita conta que continua a procura. “Todos os dias lembro dela e é uma dor sem fim. Não tenho o corpo dela, mas, se Deus quiser, está viva. Tenham sempre esperança”, ensina.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi



ALEXANDRE GARCIA

ADMINISTRAÇÕES DESASTROSAS DEIXAM MARCAS NOS NOSSOS BOLSOS, NO NOSSO BEM-ESTAR E NO MORAL DA NAÇÃO

Marcas do voto

Falta um mês para a eleição e é bom lembrar como lição o que está acontecendo no Chile. Sábado, os 15 milhões de eleitores chilenos irão obrigatoriamente às urnas para aprovar ou rejeitar uma nova constituição. Todas as pesquisas estão prevendo uma rejeição em torno de 60%. A constituição, de 388 artigos, extingue o senado, cria justiça indígena, diminui o poder da polícia, aumenta a possibilidade de aborto e atende a mui-

tas inspirações de cunho marxista — tudo o que contraria um país de maioria conservadora.

Como aconteceu? É que sendo o voto facultativo, a maioria se absteve, ficou com preguiça de votar, e apenas cerca de um terço dos eleitores escolheram os 154 constituintes, dos quais uns 120 são de esquerda. Agora, no plebiscito, com voto obrigatório, tudo indica que os que se abstiveram vão rejeitar o trabalho de mais de ano dos constituintes.

Nós, eleitores com mais de 70, que não somos obrigados a votar, somos quase 10% do eleitorado — perto de 15 milhões de pessoas. Somos os que testemunhamos por mais tempo a política brasileira; os que por mais tempo conhecemos a política e os políticos que agora se submetem ao voto; e, teoricamente, somos os que mais identificamos enganadores e mentirosos — não por nossa erudição, mas por nosso tempo de vida.

Assim, companheiro com mais idade, não fique em casa no 2 de outubro e vá votar, como eu. E mais de 2 milhões

jovens eleitores de 16 e 17 anos que não são obrigados a votar, alistaram-se na oportunidade de não ficar alheios a uma decisão que afeta seu futuro, sua renda, sua felicidade.

A campanha eleitoral está nas ruas, nas redes sociais, e nos meios de informação. Se a medida do interesse forem as entrevistas e os debates na tevê, até agora o engajamento do eleitor está baixo. Longas e entediadas perguntas nas entrevistas e excesso de luzes e de apresentadores no debate, não conseguiram atrair mais gente para o show.

Mas se forem consideradas as manifestações nas redes sociais, os marqueteiros dos partidos vão acabar percebendo que os comícios do passado aconteceram, hoje, nos celulares, com uma grande vantagem: a participação ativa dos eleitores. Os que não aprenderam isso, em 2018, vão ficar em desvantagem.

Aqui o voto é obrigatório, mas como as sanções são minúsculas, fica o aviso: na Colômbia, 18 milhões se abstiveram e 11 milhões elegeram o presidente.

Nossa tendência é nos concentrarmos na escolha do chefe

do Executivo, mas o presidente e o governador só conseguem realizar suas promessas se tiverem Senado e Câmara — e assembleias legislativas favoráveis. Faltando um mês para o 2 de outubro, é hora de pensarmos em escolher — seja qual for o critério — além do presidente e do governador, também o senador e os nossos deputados.

O bom uso do poder do voto influencia o futuro bem além dos quatro anos de mandato. Administrações desastrosas deixam marcas nos nossos bolsos, no nosso bem-estar e no moral da nação.